



Interações

ISSN: 1413-2907

interacoes@smarcos.br

Universidade São Marcos

Brasil

Cleopatres Tsallis, Alexandra; Arruda Leal Ferreira, Arthur; Oliveira Moraes, Marcia; Jacques Arendt,
Ronald

O que nós psicólogos podemos aprender com a teoria ator-rede

Interações, vol. XII, núm. 22, julho-dezembro, 2006, pp. 57-86

Universidade São Marcos

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35402204>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O QUE NÓS PSICÓLOGOS PODEMOS APRENDER COM A TEORIA ATOR-REDE?

ALEXANDRA CLEOPATRE TSALLIS

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

ARTHUR ARRUDA LEAL FERREIRA

Doutor em Psicologia Clínica (PUC/SP); Professor Adjunto do Instituto de Psicologia (UFRJ); Pesquisador financiado (FAPERJ e FUJB).

MARCIA OLIVEIRA MORAES

Doutora em Psicologia Clínica (PUC/SP); Professora do Programa de Pós-graduação (Mestrado) em Estudos da Subjetividade do Departamento de Psicologia (Universidade Federal Fluminense).

RONALD JACQUES ARENDT

Professor Titular de Psicologia Social do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia (Universidade do Estado do Rio de Janeiro); Doutor em Psicologia (Fundação Getúlio Vargas/ISOP/RJ); Pós-doutor (Universidade Paris 8); Bolsista do Programa Prociência (UERJ/FAPERJ).

Resumo: O objetivo deste artigo é traçar um conjunto de relações possíveis entre a Teoria Ator-Rede, proposta por Bruno Latour e a psicologia. Inicialmente expomos de forma breve alguns conceitos-chave do trabalho de Latour, seguido por suas considerações críticas sobre a psicologia. Na seqüência, inspirados nos conceitos expostos na primeira parte, iremos delinear uma análise das características do saber psicológico em sua singularidade, concluindo na reformulação de alguns conceitos básicos deste saber.

Palavras-chave: Psicologia, redes, Latour, singularidade e construção do conhecimento.

WHAT SHOULD PSYCHOLOGISTS LEARN FROM ACTOR NETWORK THEORY?

Abstract: The aim of this paper is to map the field of possible links between psychology and actor network theory proposed by Bruno Latour. In the beginning some key concepts discussed by Bruno Latour are presented as well as his critical analysis of psychology. In order to develop the point previously mentioned, some ideas about psychology as a singular science are introduced and the conclusions are made regarding the ideas that were discussed.

Keywords: Psychology, networks and knowledge.

1) Introdução

Este artigo tem como intuito colocar em debate uma série de estudos que temos feito a partir dos trabalhos publicados sobre a teoria ator-rede, em particular, utilizamos o foco teórico-prático de Bruno Latour¹. Professor no Centro de Sociologia da Inovação na École de Mines de Paris, Latour é um pesquisador peculiar das ciências. Sociólogo, ele desenvolve estratégias para descrever e acompanhar o trabalho dos cientistas no cotidiano dos seus laboratórios, buscando romper com uma tradição que sublinha a ciência como uma atividade purificada e independente das vicissitudes do dia a dia; antropólogo, ele desenvolve uma antropologia na qual a ciência deixa de ser pensada como uma produção diferenciada das demais, ainda que possua a sua singularidade; filósofo, ele se colocou como tarefa discutir o estilo moderno de partilhar os seres entre naturais e humanos, fatuais e produzidos, objetivos e subjetivos, propondo uma nova ontologia delineada por coletivos compostos de articulações entre atores humanos e não humanos organizados em rede.

Neste programa de pesquisa, os pesquisadores se unem em torno do que Latour (1994) chama genericamente de “Estudos Científicos”, seja em instituições universitárias na Europa, América do Norte ou América Latina, ou centros de pesquisa, como, por exemplo, o Centre de Sociologie de L’Innovation, a European Association for the Study of Science and Technology ou a 4S – Society for Social Studies of Science.

Nestes espaços se investigam temas como ecologia, política, economia, mídia, técnica, religião, epistemologia, linguagem, etc. Embora em seu trabalho Latour não estabeleça uma reflexão sistematizada acerca da Psicologia, encontramos em alguns de seus trabalhos menções, sempre bastante críticas, à psicologia (Conferir a este respeito Latour 1994, 2002-b). Acreditamos que sua forma peculiar de pensar os Estudos Científicos permite refletir a psicologia sobre novos prismas. É nesta linha que propomos este artigo: inicialmente expor de forma breve alguns conceitos-chave do trabalho de Latour, seguido por suas considerações críticas sobre a psicologia. Na seqüência, inspirados nos conceitos expostos na primeira parte, iremos delinear uma análise das características do saber psicológico em sua singularidade, concluindo na reformulação de alguns conceitos básicos a este saber.

2) Uma breve rede conceitual

Embora já exista no Brasil uma literatura bastante razoável para que o leitor possa se introduzir nesta nova linha de pensamento (Latour, 1994, 2001, 2000-a, 2002-b), apresentar todos os meandros da teoria ator-rede e seus deslocamentos conceituais não são metas deste artigo. No entanto, como esta abordagem não é de uso comum, ao menos entre psicólogos, é necessária a apresentação de alguns conceitos-chave que irão habilitar este diálogo com a psicologia. Este é o objetivo desta seção.

2.a) A noção de vínculo (ATTACHEMENT)

O conceito de *attachement*² está ilustrado na tira em quadrinhos de Mafalda, personagem do cartunista argentino Quino e trabalhada por Bruno Latour (2000-b).



Quino, le Club de Mafalda, n° 10, 1986, p.22, Editions Glénat
Reproduzido a partir do site: <http://www.ensmp.fr/~latour/articles/article/076.html>

Vemos na tira acima, no primeiro quadro, o pai fumando um cigarro. Em seguida, a filha pergunta inocente: “o que você está fazendo, papai?” O pai responde tranquilamente: “fumo um cigarro, por que?” “Por nada, responde Mafalda, mas tive a impressão que era o cigarro que estava te fumando, mas não se preocupe”. No último quadro vemos o pai extremamente aflito, cortando com uma tesoura em pedaços todos os cigarros restantes de seu maço.

O que está em questão nesta anedota é o tema do *domínio*, do controle (da *maîtrise*). O homem criou os cigarros e ao mesmo tempo eles ganham autonomia e ameaçam nossa saúde. Por um lado há o discurso positivo de verificação da ciência, por outro a denúncia. E o pai quebra no último quadro o ídolo, o fetiche que faz dele um escravo. O maço de cigarros do pai de Mafalda é um fe(i)tiche, uma mistura de algo que é ao mesmo tempo feito e um fetiche (em francês, *faitiche* = *fait* + *fetiche*) Ora, afirma Latour (2000-b), o pai de Mafalda engana-se: nem ele domina o cigarro, nem é dominado pelo cigarro. Não se trata de destruir o ídolo, o fetiche. No processo que “faz fazer” não cabe estabelecer causalidade, não há o “fazer-agir” causal. O que está em discussão, não é a causalidade de instâncias já existentes (como, por exemplo, quando se estabelecem de antemão pares como sujeito-objeto, fabricante – fabricado, agente – agido).

Ocorre que ninguém domina, ninguém age, simplesmente. Vivemos em um sistema de relações. Na teoria ator-rede trata-se de descrever a rede de relações, de avaliar as redes, observar o que elas fazem fazer e como aprendemos a ser afetados por elas. Temos sempre que optar entre liberdade e sociedade? Entre indivíduo e sociedade? Entre liberdade progressista e alienação reacionária? No cigarro, na droga, no aborto, na imprensa, na consciência, no comércio, nas finanças, no gosto, na religião, a questão não é tanto se estamos vinculados (*attachés*) ou livres, mas se estamos bem ou mal vinculados. Não se deve dirigir mais a questão ao sujeito ou ao objeto, ou ao mundo de forças alienantes, mas às coisas que proporcionam vínculos, que permitem distinguir entre o que está bem ou mal vinculado, articulado. Vínculo, para Latour (2000-b), designa o que comove e coloca em

movimento, fora da antiga tentativa de definir a ação a partir do dilema da determinação versus liberdade. O exemplo da marionete (Latour, 2000-b) é esclarecedor: a marionete “resiste” ao titereteiro. Não existe o sujeito e o objeto. Existe uma longa experiência do operador de marionetes e uma relação com um objeto fabricado que “supera” o seu projeto de fabricação. Ambos, humano e não humano se modificam na relação, um aprende com o outro é o mesmo na relação de um músico com seu instrumento ou do pesquisador – digamos Pasteur, muito citado por Latour (1992) e sua relação enquanto químico com seu material de laboratório, o fermento, o ácido láctico, etc. As coisas, os objetos nunca são objetivos ou neutros – eles trazem consigo o trabalho no tempo de todos os ausentes que participaram na produção daquele objeto. Segundo esta abordagem, diariamente encontramos inúmeros objetos cujos fabricantes ausentes, embora remontando no tempo e no espaço, estão, entretanto, ativos e presentes nestes objetos fabricados, que não deixam de exercer sua função de atores. Indivíduos e sociedades estão no final do processo, não antes (como pontos de chegada e não de partida, como estabilizações da rede.). Podemos agora recolocar a questão dos bons ou maus vínculos: os vínculos serão bons quando o marionetista se entender com a marionete, quando o cientista avançar no domínio nunca completo de seu objeto, quando o pai de Mafalda entender que ele simplesmente fuma, sendo o ato de fumar um recurso do coletivo e o cigarro um *objeto arriscado*. Entretanto, a falta de domínio não significa falta de governo. O melhor governo é o que abre mão do domínio *mantendo* o que nos faz ser, isto é, deveres, obrigações, tradições, limites, leis. Por exemplo, a linguagem, sistema complexo de leis e determinações não nos domina, ela nos faz fazer.

Bruno Latour (2002-a) faz sistematicamente a pergunta: “A realidade é real ou construída? Ambos”, responde ele. Temos que fugir à “escolha combinatória” entre ou acreditar na realidade ou no que é construído. A realidade existe e existe o que é construído. O construtivismo é uma opção, uma defesa frente aos fundamentalismos que negam as entidades construídas e mediadas. Porém, construção não é construção social: a sociedade não constitui as instâncias da

lei, do poder, etc. Relações sociais não são mais sólidas do que aquelas construídas por cientistas “naturais” – químicos, físicos, geólogos. A estabilidade da sociedade é explicada pela ciência e tecnologia e não o contrário. Fatos têm que ser compostos.

Latour (2002-a) assume postura contrária à sociologia crítica, contrária ao fundamentalismo da “natureza” (fatos que emergem misteriosamente do nada). Os fatos científicos têm historicidade, maior ou menor solidez, multiplicidade, incerteza, heterogeneidade, assunção de riscos, fragilidade. Não é uma boa estratégia, segundo esta abordagem, efetuar constantemente denúncias críticas, determinar aquilo de que são feitas as coisas, mas sim efetuar a descrição das associações de muitas fontes diferentes, de ingredientes relativamente sólidos e estáveis. As ciências são entendidas como um processo nunca definitivo³. Deste ponto de vista, as ciências sociais seriam as ciências que estudariam tais associações heterogêneas.

Um objeto fabricado, construído é parte de um processo, tem uma história, não existiu sempre “por aí”, sua origem freqüentemente é humilde, heterogênea. Desde que esteja na rede de relações, nunca esteve ou estará sob o domínio do seu criador. Latour (2000-b) pondera que o objeto fabricado poderia ter falhado em vir a existir, mas agora que existe, proporciona ocasiões não previstas, devendo ser mantido e protegido para continuar a existir. Não há uma construção apenas humana, partindo de um sujeito construtor. Há a relação com o não humano, com o material que “resiste” ao homem e interfere (e tem uma história) nesta construção, nesta criação, que é um processo. O construtivismo erige andaimes onde entram humanos e não humanos (o que deixa claro que não há domínio do não humano). A noção de vínculo nos traz uma outra noção capital à Teoria, ao ponto de servir para o seu batismo, a noção de Rede. Passemos ao seu exame.

2.b) Sobre a noção de rede

Em sua crítica à modernidade das ciências sociais, Latour (1994) sublinha a importância da noção de rede, como ontologia de geometria variável que passa ao largo dos dualismos que marcaram a modernidade.

Neste ponto, duas questões devem ser discutidas: a primeira, qual é o sentido da noção de rede, tal como proposta na atualidade por Bruno Latour? E a segunda, uma vez que delimitemos esta noção de rede, qual é a sua importância para a psicologia?

Com o avanço da Internet a noção de rede ganhou enorme destaque e tem sido habitualmente relacionada a este contexto. No entanto, antes mesmo deste avanço da Internet já falávamos em rede: redes ferroviárias, rede de esgoto, rede de televisão, redes sociais. Expressões que não são novas, nem desconhecidas. Em todas estas expressões faz-se notar a noção de ligação, de vínculo.

A noção de rede, presente nos trabalhos de Latour (1994, 1999-a, 2000-b) guarda algo desta idéia: a importância da conexão, da articulação entre elementos híbridos. Mas seria esta afirmação suficiente para alcançarmos o sentido da noção de rede tal como proposta por este autor? Teria Latour introduzido alguma idéia original no que diz respeito à noção de rede?

No livro *Jamais Fomos Modernos* Latour (1994) apresenta a noção de rede para expor suas teses acerca da não modernidade de nossas práticas. Vivemos num mundo povoado por objetos híbridos, nos quais não conseguimos mais fazer operar as modernas práticas de purificação responsáveis por estabelecer as distinções entre o natural e o social, o objeto e o sujeito.

A noção de rede foi então apresentada por Latour (1994) como uma tese ontológica. *Jamais fomos modernos* porque jamais nos encaixamos nas dicotomias que marcaram a modernidade. Nem natural nem social, somos como a soja transgênica, híbridos sócio-técnicos. A noção de rede não é, para Latour (1999), oposta à dicotomia moderna. Mas é aquilo que nos faz passar ao largo destas dicotomias. A noção de rede encontra ressonâncias filosóficas com o trabalho de M. Serres (s/d) e de Deleuze e Guattari (1995)⁴. Ao tratar das ciências, Latour (1994) afirma um enfoque antropológico das ciências e das técnicas, não entendendo a palavra *antropologia* na sua referência ao *antropos-homem*, mas no estranhamento que comportam as pesquisas antropológicas

das outras civilizações. É o caso aqui de nos tornarmos outros, híbridos de natureza e cultura. Além disso, com a palavra *antropologia* é importante frisar o sentido empírico, concreto de suas investigações. As ciências e as técnicas são investigadas no seu modo de construção, na rede de sua prática. Se na perspectiva epistemológica o empírico não tinha o poder de questionar uma distinção conceitual, aqui o domínio racional é efeito de uma prática, é imanente, intrínseco ao plano no qual ele se constrói. Retorno da potência do empírico, de sua inventividade e engenhosidade. Empírico não é sinônimo de indiferenciação. A rede comporta diferenciações, ela é o plano onde serão construídas as distinções entre práticas científicas e práticas não-científicas. Entretanto, tais distinções não são justificadas a partir de um método racional. Elas não são *a priori*, mas *a posteriori*. É preciso acompanharmos concretamente o modo como elas se constroem, se inventam, se produzem.

Em alguns textos posteriores ao *Jamais Fomos Modernos*, Latour (1999-a, 2000-b, 2002-c) sublinha uma profunda insatisfação com a noção de rede e é nesta autocrítica que podemos notar o sentido da noção de rede, o seu alcance, a sua novidade. Curiosamente é no limite da noção de rede que podemos entrever todo o seu sentido e alcance. Num destes trabalhos, o autor afirma que existem quatro pontos que não funcionam bem na teoria ator-rede: a palavra teoria, a palavra ator, a palavra rede e o hífen que liga o ator à rede (Latour, 1999-a). As reflexões que se seguem a esta autocrítica do autor são as mais interessantes para nós, psicólogos.

Qual o problema com a palavra rede? Como dissemos acima, esta noção não é nova. A metáfora digital popularizou este termo num sentido que para Latour (1999-a) é desastroso. Porque no sentido presente, por exemplo, na Internet, a noção de rede está em consonância com a possibilidade de comunicação imediata e de acesso direto a qualquer informação. Neste sentido, parece ser possível falar em informação, algo que circula sem nenhuma transformação. É justamente este sentido que Latour (1999-a) considera desastroso. Isto é, a noção de rede, tal como popularizada pela Internet implica uma idéia de circulação da informação sem transformação. Esta idéia é oposta àquela

que a teoria ator-rede pretendia frisar com a noção de rede. A rede, como um rizoma, é marcada pela transformação. Em outro texto, o autor afirma: não há in-formação, só trans-formação (Latour, 2002-c). Então o acento recai na ação, no trabalho de fabricação e transformação presente nas redes. Talvez pudéssemos tomar como caminho a sugestão do próprio autor e ao invés de falarmos em *networks* deveríamos falar em *worknets* (Latour, 2002-c). Isso significa afirmar que interessa ao pesquisador seguir o trabalho de fabricação dos fatos, dos sujeitos, dos objetos. Fabricação que se faz em rede, através de alianças entre atores humanos e não-humanos. É importante sublinhar que o que está sendo frisado é a noção de ação, ação de fabricação. Então na noção de rede o que importa para Latour (2002-c) não é só a idéia de vínculo, de aliança. Mas sim o que estes vínculos produzem, que efeitos decorrem de tais alianças. Em última instância, interessa investigar se estes vínculos são bons ou maus. Se são bons eles serão capazes de mobilizar mais aliados e de se tornarem estáveis. Se são maus, eles não mobilizarão outros aliados.

Mas neste ponto chegamos a outro problema: a noção de ator. O que é um ator? Muitas vezes esta noção foi confundida com os tradicionais atores da sociologia, com o indivíduo como fonte e origem de uma ação. Para Latour (1994), um ator é tudo o que tem *agência*, isto é, ele se define pelos efeitos de suas ações. Isso significa dizer que um ator não se define pelo que ele faz, mas pelos efeitos do que ele faz. E mais, o ator não se confunde com o indivíduo, ele é heterogêneo, díspar, híbrido.

O par ator-rede, incluindo o hífen, é para Latour (1999-a) insuficiente para dar conta da ação que se distribui em rede, dos processos de fabricação do mundo. Isso porque, o par ator-rede foi muitas vezes tomado como o par indivíduo-sociedade. Mas não é disso que se trata. A noção de rede não deve ser tomada como um contexto que se acrescenta a um indivíduo. Se de um lado a noção de rede é interessante porque traz a idéia de movimento, de circulação, de outro lado, ela é insuficiente porque não dá conta dos processos de fabricação, das ações que se estabelecem entre atores heterogêneos. Nos seus

últimos textos Latour (2002-a, 2002-b, 2002-c) chama a atenção para este aspecto: o que interessa ao pesquisador é acompanhar a construção dos fatos, das crenças, dos mitos, em outras palavras, a rede é sinônimo de fabricação, de ação. Fabricação interessante, porque deve ser considerada como um processo distribuído entre todos os atores. Não há um agente primordial, central do qual emana a fabricação do mundo. Então há uma ação recíproca e o que importa é acompanhar os efeitos desta ação, os muitos deslocamentos que ela produz.

Será então que devemos considerar a teoria ator-rede como um quadro de referência, como uma teoria que podemos aplicar a muitos domínios, inclusive à psicologia? Recentemente Latour (2002-c) publicou um texto escrito na forma de um diálogo entre um professor, que é ele mesmo, e um aluno envolvido com a redação de sua tese de doutorado. São instigantes as inquietações do aluno e o professor vai sugerindo alguns caminhos, algumas pistas. O aluno pergunta: *então para que serve a teoria ator-rede? Eu tenho que escrever uma tese e o meu orientador quer que eu apresente um quadro de referência para o meu objeto de investigação. O que eu faço com a teoria ator-rede?*

A teoria ator-rede não é uma teoria cujos princípios estejam dados de antemão. Trata-se antes de um método, um caminho para seguir a construção e fabricação dos fatos. Não basta dizer: veja ali, bem ali, há conexões, há alianças! Então estamos falando de rede! De modo nenhum. Não basta apontar com o dedo indicador as alianças. O que está em questão não é a aplicação de um quadro de referência no qual podemos inserir os fatos e suas conexões. O que importa é seguir a produção de diferenças, os efeitos, os rastros deixados pelos atores. O próprio Latour (1992) apresentou algumas vezes trabalhos que seguiam a produção dos fatos científicos, acompanhavam as muitas conexões que acabavam por estabelecer distinções entre fatos validados e fatos descartados. Seus trabalhos sobre Pasteur (1992), sobre a polêmica entre Boyle e Hobbes (Latour, 1994), sobre a fabricação do hormônio do crescimento são a este respeito instrutivos (2000-a). Os conceitos de rede, aliança e vínculos são conceitos talhados como ferramentas especiais para pensar a ciência. Neste aspecto é importante

que destaquemos a singularidade das redes científicas, antes de destacar a singularidade da própria psicologia.

2.c) As redes científicas e a modernidade

Em um texto, *O fluxo sanguíneo da ciência: um exemplo da inteligência científica de Joliot*⁵, presente na coletânea *A Esperança de Pandora* (2001), Latour apresenta uma visão sintética do fazer científico, condensado em um modelo isomórfico ao *Sistema Circulatório*. E por que o trabalho científico é comparado ao *Sistema Circulatório*? É porque não faz o menor sentido se perguntar apenas pelo “coração da ciência”, mas por todo o seu conjunto, o seu vasto e denso sistema de redes e capilaridades. Da mesma maneira que em nosso sistema circulatório não faz sentido nos perguntarmos se em essência ele é coração ou veias e artérias, nas ciências não devemos nos bastar apenas na sua rede conceitual ou no contexto social. Esta antiga querela, sustentada pelos historiadores da ciência no debate entre internalismo X externalismo, vai acabar concebendo o conhecimento científico, ora como produzido a par de sua rede social, como um conjunto de conceitos (internalismo); ora como fenômeno coletivo, sem entender a especificidade das ciências (externalismo).

Tentando superar os limites entre os internalistas e externalistas (e entre ciência e sociedade) é que Latour (2001) irá propor o *Sistema Circulatório*, composto por uma série de circuitos, como: 1) *Mobilização do mundo*, ou conjunto de mediações aptas a fazer circular os não-humanos através do discurso (instrumentos, levantamentos, questionários e expedições); 2) *Autonomização*, ou a delimitação de um campo de especialistas em torno de uma disciplina, capazes de serem convencidos ou entrarem em controvérsia; 3) *Alianças*, ou recrutamento do interesse de grupos não científicos, como militares, governamentais e industriais; 4) *Representação Pública*, ou o conjunto de efeitos produzidos em torno do cotidiano dos indivíduos; e 5) *Os Vínculos e Nós*, que dizem respeito ao coração conceitual, que amarra todos os demais circuitos. Sem a circulação e mobilização de todos estes circuitos não é possível entender a perseveração de um trabalho científico, como de Frédéric Joliot, na

tentativa de montagem de uma bomba de nêutrons. Para a montagem desta bomba é necessária não apenas uma rede de conceitos científicos, mas a constituição de laboratórios, a parceria de especialistas, e o interesse do governo, da indústria e dos militares, além da opinião pública.

Se a ciência opera através destes sistemas circulatórios múltiplos condizentes ao modelo de rede, qual é o problema que se configura na nossa modernidade? A tese de Latour (1994) é que a modernidade se marca na constituição de uma “ontologia impossível” produzida no século XVII, a partir da tentativa de clivagem e purificação de entes humanos e naturais. Os entes humanos tornaram-se a partir de então assunto da política, tendo a sua representação nos parlamentos, enquanto que os seres naturais passaram a ser tema das ciências, sendo representados nos laboratórios. Segundo Latour (1994), o marco histórico desta clivagem pode ser encontrado na discussão sobre o vácuo que opôs Boyle e Hobbes. O primeiro sustentou a existência do vácuo apelando para uma nova forma de testemunho, mais poderoso que o de cidadãos dignos, os experimentos laboratoriais, cujas verdades calariam as vozes dissonantes. Hobbes por outro lado, tentou negar a existência do vácuo apelando para uma teoria dedutiva geral que servisse para unificar o reino inglês esfacelado em guerras civis. Apesar da discussão de Hobbes sobre o vácuo, sua principal herança foi a sua filosofia política sobre o Estado, em que todos os cidadãos estariam representados pelo rei. Apesar de Boyle ter produzido escritos políticos, perseverou entre nós apenas a sua contribuição científica e a invenção dos laboratórios como os nichos da verdade dos entes naturais.

Contudo, a modernidade produziria como efeito colateral desta tentativa de divisão e purificação a proliferação dos híbridos, seres com marcas ao mesmo tempo humanas e naturais. Mas, o que ressalta no trabalho de Latour (1994) não é apenas a descrição desta irrealizável constituição moderna, mas a reavaliação do que escapava a esta segregação clara e distinta: começa-se a descortinar todo um império do centro, povoado de híbridos, seres mestiços, que, de acidentais na sua indefinição, passam a possuir primazia ontológica. Estes não são

mais compreendidos como o produto da indevida mistura de entes puros e bem compartimentados desde o princípio, mas a linha mestra de uma rede ontológica de onde se purificam os entes extremos e secundários. Nesta ontologia, as noções de rede e de vínculo são essenciais.

3) Despsicologização: a teoria ator-rede contra a psicologia.

Neste diálogo que desejamos estabelecer entre a Teoria Ator-Rede e a psicologia, um problema inicial se impõe: no conjunto de trabalhos assinados por Latour, a psicologia tem papel de coadjuvante, sendo não muitas as suas referências⁶. Em todas elas, cabe uma abordagem crítica, como se a psicologia fosse um mero produto da clivagem moderna. Um bom exemplo pode ser encontrado no texto, “O moderno culto dos deuses fe(i)tiches” (2002-b), no qual Latour sustenta que a psicologia operaria de modo simétrico ao da epistemologia, operando como uma bomba de sucção dos seres híbridos, dos fe(i)tiches no plano subjetivo. Posto que, se no plano objetivo, a epistemologia busca os fatos objetivos a par das nossas crenças, estas passam a ser delegadas a um plano subjetivo de interioridade, domínio da psicologia. A psicologia nada mais faria do que o “serviço sujo”, o trabalho de dar conta do que a epistemologia excluiu criticamente dos nossos seres objetivos.

Perante esta forma da psicologia atuar, que alternativa poderia ser concebida com relação a esta ferramenta moderna? O antídoto poderia ser buscado em um esforço de despsicologização cujo trabalho do etnopsiquiatra Thobie Nathan seria o melhor exemplo (Latour, 2002-b). Este esforço estaria calçado na suposição de que a psicologia, bem como outras agências milenares (a religião, o misticismo) não realizam a revelação de um eu oculto, a ser purificado, mas “produzem-no artificialmente” (Latour, 1998-a). Este seria o resultado das nossas práticas, que se efetivariam por debaixo de nossas dicotomias e buscas de purificação modernas. É nesse sentido que recorrer as práticas representa uma alternativa ao acordo moderno. Como resultado se tem a renúncia às dimensões “meta”, transcendentais para permanecer vinculado ao mundo em sua imanência. Sendo assim, o trabalho reflexivo ganha uma faceta bastante pragmática, pois é recorrendo

incessantemente às práticas que se torna possível acompanhar as trajetórias dos actantes. Despsicologizar é, pois, abrir mão do processo moderno de purificação e acolher os “*atachements*” operados pelos entes humanos na sua produção de possíveis eus.

Para entender como o trabalho etnopsiquiátrico de Thobie Nathan opera esta intervenção despsicologizante é necessário destacar uma série de proposições presentes no seu livro *Nous ne sommes pas seules au monde*, escrito em 2001. Sinteticamente poderia ser dito que ele discute a relação entre a *coisa* e o *objeto* e como são estes os elementos em jogo no processo terapêutico. Passemos às proposições.

A primeira proposição [1] é conceber a psicoterapia como manejo técnico da influência; [2] além de ser um campo de pesquisa, na busca da “*revelação de um sujeito recalcitrante*”; [3] Como motor principal dessa influência está o pensamento do terapeuta. Disso derivam dois corolários: o dispositivo terapêutico é o lugar de produção e reprodução do pensamento filosófico abstrato e os atos e procedimentos do terapeuta são a forma de colocar em cena a teoria encarnada. Portanto, [4] a técnica terapêutica é um campo de experimentação natural, que tem como corolários a necessidade imperativa de considerar tudo e por conseguinte interditar uma leitura etnocêntrica. Isso significa conceber a prática terapêutica em sua complexidade, não linearidade, em sua malha de relações; [5]: A psicoterapia é um caso particular de um conjunto de práticas destinadas a modificar as pessoas através de um procedimento técnico.

Sendo assim, [6] toda terapia é ação da matéria sobre o ser. “*As psicoterapias se definem, por consequência, pelos objetos que elas não utilizam e pela referência à esses mesmos objetos ausentes, é que elas constroem a verdade.*” (Nathan, T., 2001, p. 121). Assim, [7] a psicoterapia constrói a verdade em referência aos objetos; [8], portanto a principal função do objeto é demonstrar o pensamento teórico dos terapeutas. Cabe ressaltar a definição de objeto dada por Tobie Nathan, ele é o elemento do mundo sensível, feito de matéria e cuja existência não deve nada à percepção ou à imaginação de qualquer sujeito. Enquanto a *coisa* é aquele ser que

captura quem se aproxima dos produtos de uma fabricação. Trata-se de um sistema extremamente fluido onde a idéia de *criador e criatura* se misturam circulando da construção à vivacidade ininterruptamente. Finalmente, o autor conclui “*As coisas têm uma alma ou ao menos uma intencionalidade.*” (Nathan, T., 2001, p.12).

A proposição [9] se refere a mudança no processo terapêutico e como ela opera ao longo da linha de um devir; portanto [10] o trabalho de terapia consiste em se aprofundar no conhecimento da coisa em sua relação com os objetos. Sendo assim, [11] nos dispositivos terapêuticos os objetos têm a principal função de permitir que a teoria especulativa se desenvolva. Dessa forma, [12] o objeto oferece uma dupla garantia: ele obriga o terapeuta a apostar na inteligência do paciente, assim como ele permite ao paciente situar com precisão a teoria de seu terapeuta. Como últimas proposições estão que [13] a cada momento o terapeuta “*joga*” a totalidade do devir metamorfoseado que ele propõe; [14] e que a consulta etnopsiquiátrica precisa instituir o “*Parlamento das coisas*”, ao que Tobie Nathan acrescenta o “*Parlamento dos Deuses*” (p. 147).

Não podemos esquecer que o contexto no qual ele trabalha é o do universo de imigrantes da cidade de Paris. Assim sendo, a diversidade de versões trazidas pelos pacientes e a possibilidade de acolhida por parte de uma instituição francesa significam grande parte da relação terapêutica. É a partir desse contexto que emergem essas proposições e a própria discussão sobre a importância dos objetos. Afinal, os objetos funcionam como os *intermediários* possíveis no estabelecimento dessa relação, desse vínculo. O termo *intermediário* se refere a passagem, a possibilidade de fabricação, considerando tanto suas perdas quanto seus ganhos. Para Tobie Nathan (2001) a eficácia da psicologia não está em revelar os mecanismos da subjetividade, mas em fabricá-los a cada instante. Como exemplo destas proposições, seguem os relatos de duas consultas etnopsiquiátricas que a psicóloga Alexandra Cleopatre Tsallis teve a oportunidade de acompanhar no Centre George Devereux em Paris 8⁷, dirigidas por uma equipe bastante multidisciplinar.

3.a) Consulta etnopsiquiátrica

Iniciaremos esta descrição pela conclusão do primeiro encontro entre a equipe do Centre George Devereux e o paciente: no encontro seguinte o coordenador explicaria ao cliente como fazer para *“vigiar a mão de seu pai e o pé de sua mãe. A primeira parte é fácil, a segunda é mais difícil.”*

Na consulta estava presente o paciente, um turco vítima de bruxaria (modo pelo qual foi apresentado à equipe pela psicóloga que o entrevistou pelo telefone), acompanhado de duas mulheres. Uma delas é amiga do paciente e tem testemunhado todo seu processo e a outra, embora praticamente não o conhecesse, foi a pessoa que o indicou ao centro etnopsiquiátrico de Paris 8. No total, poderia dizer que eram dez “terapeutas” e três “clientes”. Entre os 10 “terapeutas” estavam um coordenador (psicólogo), um médico, uma psiquiatra, uma etnóloga e alguns psicólogos, em especial uma psicóloga turca – que muitas vezes se dirigia em turco ao paciente – além de uma psicóloga judia, uma psicóloga especialista em mortes, uma psicóloga italiana e uma psicóloga brasileira.

O clima de um modo geral era descontraído, estavam todos sentados em uma ampla sala, decorada com vários objetos de origem africana, indígena. No centro do círculo estava uma pequena mesa onde eram servidos cafezinhos e permaneciam os cinzeiros, sempre com vários cigarros acesos. O coordenador e um outro psicólogo bebiam uísque, ou algo parecido, o paciente estava sentado ao seu lado, enquanto os outros pareciam estar dispostos sem nenhuma lógica explícita.

A consulta se iniciou com a apresentação de cada um ao paciente, enquanto o coordenador fazia comentários jocosos sobre cada um se dirigindo ao paciente. A partir daí, o paciente começou a contar o motivo de estar vindo ao centro, o coordenador o interrompeu algumas vezes com comentários que demonstravam seu conhecimento sobre a cultura e práticas turcas. Assim, à medida que foi passando o tempo, era fácil perceber como ia se estabelecendo a confiabilidade entre os dois.

O paciente contou sua vida e uma série de acontecimentos estranhos: acidentes de carro sempre nos momentos em que se sentia apaixonado,

falou sobre seus três casamentos e consecutivos divórcios, sobre objetos estranhos que encontrou em sua casa. Neste momento em especial, o coordenador se antecipou em descrever o objeto que ele teria encontrado, o que muito surpreendeu o paciente. Além disso, falou sobre diversos encontros com pessoas que estavam realmente surpresas por ele estar vivo. Em especial sua irmã lhe contou que seus pais, quando ele foi embora de casa para viver com sua primeira esposa, fizeram uma bruxaria para ele. Eles teriam amarrado duas colheres de ponta-cabeça, inclusive, esse foi um outro momento em que o coordenador revelou entender do que se tratava essa atitude.

O paciente é um músico de bastante talento e reconhecido como pianista e compositor clássico, contudo naquele momento sua vida tanto profissional quanto amorosa estava bastante confusa o que lhe fazia pensar sobre algum tipo de bruxaria relacionada aos objetos estranhos que encontrou em sua casa. Ele terminou seu relato lançando três perguntas: Estou louco e tudo isso é psicológico? Ou se trata de bruxaria e é verdade? Ou um misto dos dois: as coisas existem e eu estou mal com isso? Um grande silêncio imperou na sala. Foi interessante perceber como as próprias perguntas revelavam o acordo modernista (Latour, 1991): a verdade por um lado, o psicológico por outro, a busca pela realidade dos fatos para finalmente perguntar sobre a possibilidade de uma mistura.

O coordenador convocou todos os presentes a falarem algo, alguns se manifestaram, mas o que nos saltou aos olhos foi a frase dele *“Je suis pas un intellectuel, je suis un praticien”*, seguida da conclusão de vigiar a mão do pai e o pé da mãe.

Logo antes dessas colocações acima, uma psicóloga perguntou ao paciente o que ele procurava lá, ao que ele respondeu dizendo: *“procuro ser escutado e suponho que ao ser escutado estarei sendo compreendido e descobrirei o que fazer.”* A consulta encerrou-se quando o coordenador disse ao paciente, enquanto segurava seu braço em um gesto de intimidade, que talvez nessa noite ele tivesse um sonho, no qual era possível que ele próprio aparecesse. Finalmente, em um clima instigante, disse ao

paciente que era importante que ele guardasse o sonho com atenção para o próximo encontro.

Saimos dessa consulta extremamente mal impressionados, com um sentimento ambíguo que nos fazia perguntar qual era o sentido de tudo aquilo, para o quê era importante olhar, além daquela seqüência interminável de intervenções com a finalidade de impressionar o paciente. Não conseguíamos naquele momento vislumbrar o que tanto impressionava Bruno Latour naquela prática (Latour, 2002b, capítulo 8).

Não percebíamos autenticidade no trabalho, mas imaginávamos que talvez estivéssemos olhando para o lugar errado. Em outras palavras, tentávamos avaliar criticamente aquelas intervenções segundo o modo como entendíamos uma prática terapêutica, tentávamos *purificar* o ambiente, desvencilhar os elementos da rede, finalmente estávamos embaraçados nesse emaranhado supondo que a saída seria desfazer os nós, ao invés de seguir por eles.

Contudo, vale ressaltar uma valiosa contribuição de Vincienne Despret (1999) para sair desse emaranhado. No livro *Ces émotions que nous fabriquent* a autora destaca que a autenticidade é aquilo que remete à fabricação das emoções e não o que vem des-cobrir emoções que lá estavam, esperando para serem reveladas. Do mesmo modo, a crença, entendida como mera denúncia da fragilidade da fabricação dos fetiches, perde de vista a possibilidade que esses têm de habitação no mundo. Resumidamente poder-se-ia dizer que a meta da denúncia crítica é tentar reduzir os objetos ao domínio da passividade, onde os humanos projetariam e/ou representariam aquilo que está em sua mente. Acreditamos ser nesse sentido que Bruno Latour (2002-b) propõe que o binômio faz-fazer seja simétrico, isto é, valha tanto para humanos quanto para não-humanos. Assim sendo, mais que um fetiche ser reduzido a categoria de objeto, ele seria pensado como um fe(i)tiche, essa mistura de fato e construção, que lhe daria não só a possibilidade de habitar o mundo como de produzir efeitos. Portanto, os não-humanos possuem recalcitrância, singularidade.

No segundo encontro o paciente trouxe três sonhos para serem trabalhados. Ao contrário de nossas expectativas, o coordenador não começou a dar antídotos para a bruxaria, mas muito pelo contrário, convocou cada um dos presentes para tecer aqueles sonhos, ampliar aquela história de modo que a cada instante o rumo e o destino pudessem ser alterados respeitando aquele que verdadeiramente coordenava, ou seja, o paciente. Era ele que escolhia que fios trançar, que nós desamarrar, como conduzir todas aquelas pessoas debruçadas sobre sua vida revelando os limites de seus olhares, de seus pontos de vista.

Por fim, destacamos que a possibilidade de vislumbrar essa prática “despsicológica” anuncia qual seria um possível caminho para acompanhar os actantes sem precisar renunciar à singularidade. Muito pelo contrário, ela se desvelaria em suas inusitadas facetas enquanto permanecemos inscritos no coletivo. Esse coletivo habitado por humanos e não-humanos que delimita suas fronteiras através dos bons e maus vínculos, da sua produção de efeitos na rede.

Aqui, começamos a vislumbrar um uso mais potente do arsenal teórico-prático da teoria ator-rede em sua ligação com a psicologia – a possibilidade não apenas de propor uma psicologia distinta desta que tem se submetido ao decálogo moderno, mas também alçar o próprio entendimento dos efeitos que a submissão a este decálogo proporcionou em nossa psicologia moderna. Para tal, visualizaremos na próxima seção algumas características do saber psicológico atual e suas condições de possibilidade modernas.

4) A psicologia como saber mestiço: o cruzamento múltiplo entre práticas sociais e conceitos científicos

O que pode instigar um possível encontro do trabalho de Bruno Latour com a psicologia é a curiosa configuração topológica deste saber. Estamos mais próximos da cartografia de um arquipélago, de uma confederação sem centro de sistemas, escolas, pequenas teorias e práticas dispersas do que do mapa geopolítico de uma nação-continente unificada por um projeto comum. O que sustenta esta dispersão psicológica sob um mesmo nome? Deve-se ressaltar que não se tratam

aqui de divergências teóricas e metodológicas pontuais no interior de um mesmo projeto (como a discussão física sobre a natureza da luz, se esta é onda ou partícula), mas da própria definição do que é psicologia, da coabitação nesta de projetos antagônicos. Retomando uma metáfora geopolítica, é como se numa federação, cada estado pudesse se dar a sua própria representação de uma nação, desconsiderando qualquer controle político central, e em franca tensão com os demais. O que conduz a psicologia a esta curiosa configuração no campo dos saberes?

Recusando uma abordagem epistemológica, centrada na discussão sobre a cientificidade da psicologia, utilizamos a perspectiva da teoria ator-rede não apenas para demarcar a especificidade do saber psicológico em contraste com os demais, bem como as suas condições de possibilidade históricas. O que justificaria a presença deste enfoque teórico-prático na compreensão da diversidade das psicologias? Justamente por tratar de dois temas relevantes para a resposta das questões propostas inicialmente: 1) a definição das condições necessárias ao conhecimento científico, especificado em seu *modelo circulatório* (Latour 2001); e 2) a determinação das “condições de possibilidade” deste conhecimento, contidas no projeto de uma modernidade impossível, notadamente no seu projeto de cisão entre dois entes purificados: Ser Humano e Natureza, ou entes subjetivos e objetivos (Latour, 1994). Pode-se compreender a partir deste duplo esquema o surgimento, o lugar e o caráter paradoxal das psicologias, ao juntarem o que a modernidade separou, e fazendo o conhecimento circular por vias muito diferentes das demais ciências.

Como as psicologias circulariam nos Sistemas Circulatórios Científicos compostos de Mobilização do Mundo, Autonomização, Alianças, Representações Públicas e Vínculos? Quanto à Mobilização do Mundo deve-se dizer que as técnicas de inscrição deste saber produziriam (ou extorquiriam) testemunhos não mais de objetos, mas de sujeitos. Mesmo quando se verifica que estas técnicas de inscrição são em geral capturadas de outras ciências como física, química ou biologia⁸. O problema é que no campo psicológico, as técnicas de mobilização forjadas não circulam de forma livre em sua extensão; elas

trafegam apenas no campo de uma determinada orientação onde ela pode ser forjada. Não seriam o que Latour designa como móveis imutáveis (1985), mas imóveis imutáveis, ou imóveis mutáveis, como veremos mais adiante graças a sua relação com o público.

No que tange a *Autonomização*, nós temos entre os psicólogos algo que Canguilhem (1973) designa como um consenso mais pacífico do que lógico, dado o conjunto de orientações e projetos presentes em nosso campo. Além da nossa geopolítica fragmentada, podemos dizer também que nossas fronteiras são bastante porosas, abrindo-se nas mais diversas direções: psiquiatria, pedagogia, administração e neurociências, criando vários espaços indiferenciados ou zonas neutras. Nossas relações, às vezes são mais sólidas com o espaço externo do que interno.

Quanto às *alianças*, estas tem sido ambíguas, pois se é registrável um interesse cada vez maior do setor privado, governamental e mesmo militar, este interesse não é comparável ao depositado nos demais setores científicos. Se inicialmente este interesse se centrava no campo da seleção para uma determinada aptidão ou perícia, hoje ele preenche outras funções, como o campo da saúde.

Mas estas alianças operadas ignoram a complexidade e pluralidade do nosso campo, mantendo alguma fé em nosso suposto saber sobre a natureza humana. Fé que é muito mais ampla no campo das *Representações Públicas*, mesmo guardadas algumas desconfianças. É aqui que podemos reconhecer a grande força das psicologias, pois, mais do que produzir testemunhos isentos de sujeitos, elas extorquem testemunhos (Stengers, 1989), mais fabricam do que revelam nossos eus. Para se ter isto em conta, basta se tomar certas orientações psicológicas com maior poder de difusão como a Psicanálise; não conseguimos nos relacionar conosco ou com os demais sem categorias como as de Inconsciente ou Complexo de Édipo. Neste ponto é que podemos dizer que as psicologias produzem *imóveis* (pois só circulam no interior de certas orientações) *mutáveis* (transformando e fabricando a experiência dos sujeitos). Se a ciência para Latour (2002-a) é construtivista e realista, a psicologia é só

construtiva, no caso, das nossas subjetividades, graças ao seu poder de enunciar as nossas mais íntimas verdades, fornecendo assim um sentido para as nossas vidas.

Tudo isto proporciona que a Psicologia seja composta de uma série de *nós e vínculos* conceituais parciais sem um nó maior que a amarre. Este nó é frouxo até mesmo na definição do que vem a ser a psicologia (ciência das condutas? dos fenômenos mentais? da experiência? do inconsciente?). Portanto, podemos dizer que a Psicologia é composta por vários sistemas circulatórios, mas que não se comunicam entre si; somente com o tecido da rede social e a rede das demais práticas científicas, bordando e moldando a nossa subjetividade de acordo com algumas orientações. O que produz esta curiosa configuração? Aqui entramos no terreno da História da Psicologia para buscar as fontes desta pluralidade. A hipótese aqui adotada é que a psicologia é produto da “impossível modernidade” constituída no século XVII na tentativa de clivagem e purificação de entes humanos e naturais, tal como descrita em *Jamais fomos Modernos* (1994). Como a psicologia se configura neste projeto moderno?

Como visto, Latour (2002-b) sustenta que a psicologia operaria como uma bomba de sucção dos seres híbridos no plano subjetivo, relegando a meras crenças tudo aquilo que viria a escapar a uma existência objetiva. Nas palavras de Canguilhem (1973, p. 119), a tarefa da psicologia seria a de fornecer uma desculpa do espírito perante a razão. De fato, a tarefa inicial da psicologia no século XIX seria a de se tornar uma ciência objetiva dos erros da nossa subjetividade, buscando a verdade de nossos erros. Mesmo em nome de uma verdade triunfante, nada mais híbrido.

Mesmo com o surgimento de novas escolas, com novas questões, a psicologia mantém o seu afã hibridizante. O problema, bem colocado por Gréco (1970), é que a psicologia deseja fazer ciência daquilo que escapa à própria ciência, do que é posto entre parênteses no ato científico: a ação, as representações, os desejos humanos (a sua interioridade). Promove-se uma nova mistura do que havia sido bem

segregado na modernidade: objetiva-se (naturaliza-se) o sujeito e subjetiviza-se o objeto científico. Psicologia se torna uma palavra inconciliável, em que para haver *logos*, é necessário se excluir a *psiqué*, e para se considerar esta, é impossível a mediação do *logos*. Contudo, esta hibridação nada tem a ver com o monismo mestiço dos pré-modernos; para que esta nova mistura ocorra é necessário que a busca de purificação moderna tenha se processado, e se ampliado ao ponto de que cada um dos domínios segregados lance suas redes na direção do seu oposto. Latour ao longo de sua obra toma como exemplos privilegiados de hibridação a representação social dos seres naturais nos dias de hoje: partidos verdes, concílios sobre o clima e o meio ambiente. Mas e a representação laboratorial e natural dos seres humanos operada pela psicologia? No caso da psicologia, trata-se da ampliação do domínio científico na direção daquilo de que ele havia se segregado (as qualidades secundárias, ou as nossas representações mentais equivocadas, as crenças e a nossa interioridade), ao mesmo tempo em que a política e a administração passam a buscar substratos científicos na sua disseminação.

A psicologia seria exemplar enquanto efeito colateral inesperado pelos paladinos dos entes puros em expansão: o encontro nesta região central de miscigenação plural, onde os híbridos se multiplicam ao infinito. Trocando em miúdos, a psicologia é um espaço forte de mestiçagem, onde operadores científicos das ciências naturais se fundem a conceitos antropológicos, reificando certas práticas sociais. É assim que no gestaltismo o exame da experiência ingênua (visando o controle dos erros) culmina no equilíbrio das formas, coroado pela compreensão do homem como um ser naturalmente inteligente e compreensivo do mundo que está a sua volta; no behaviorismo, a tentativa de disciplina das atividades humanas na educação e no trabalho, conduz à força dos condicionamentos e ao entendimento do homem como um ser maleável na sua relação com o ambiente; na psicanálise, as práticas de confissão e o esforço de desvelar as fontes dos nossos desejos e de nossas mais íntimas verdades, nos leva a uma visão do homem como um ser desejante, marcado pela impossibilidade de equilíbrio energético dentro do ciclo pulsional.

Deve-se dizer que este efeito hibridizante é contrário às intenções puristas também dos diversos fundadores da psicologia, e que se radicaliza a cada nova refundação e tentativa de purificação por parte deste saber. Daí também decorre o fato da psicologia ser constantemente atacada pelos críticos puristas, estrangeiros para além das fronteiras dessa região central: para os epistemólogos, ela seria demasiado política e plural; para os críticos sociais, má política e por demais naturalista. Críticas que por sua vez instigam novas tentativas de fundações purificadoras, e por conseguinte o surgimento de mais e mais híbridos.

Para que esta representação natural dos seres humanos? Qual seria o papel desses operadores das ciências naturais nesta “intrusão” no domínio humano? Esta mistura com as práticas sociais e conceitos antropológicos serviria, antes de tudo na produção de individualidades, subjetividades e verdades interiores; nas palavras de Latour: “eus fabricados artificialmente” (1998-b), “fe(i)tiches (*faiitiches*) tecnosubjetivos” (2002-b). Estes conceitos e operadores naturais forneceria um transcendental a partir do qual gravitaria a nossa experiência: boas formas, sensações, invariantes funcionais, módulos informacionais, pulsões e operantes, constituindo os fundamentos empírico-transcendentais de nossas subjetividades. Além de determinar uma norma e uma determinação natural para a nossa liberdade. Poderíamos ver aqui conforme Latour (2002-b, capítulo III) mais um fetiche produzido pela crítica moderna, o da nossa autonomia enquanto *atores humanos livres* e o da nossa determinação a partir de constrangimentos naturais. É neste sentido que se pode dizer que na psicologia não se hibridiza apenas homem e natureza, mas na sua seqüência uma subjetividade cindida entre um domínio empírico e outro transcendental, e uma forma de individualização autonomizante e outra controladora. Gestando sujeitos, indivíduos e interioridades. Nestes termos, a psicologia talvez nada produza de novo, mas possui, contrária à sua vontade, uma função de ligação e mistura digna do deus Hermes. Por que não efetivar este efeito colateral concreto em norma, recusando a norma ideal de purificação impossível (trata-se de um importante catalizador de hibridações), tomando-se a interdisciplinaridade, a

mestiçagem, antropofagia e a hibridação como signos fortes para este saber? A psicologia não seria nem moderna, nem pré-moderna, nem mesmo pós-moderna (que nada mais seria que o sentimento de desencanto e impossibilidade mediante o fracasso moderno), mas nas palavras de Latour: simplesmente a-moderna na sua prática. Aqui a necessidade imperativa de uma pragmática forte que dê conta da fabricação de sujeitos híbridos.

6) Conclusão

Como a psicologia poderia entrar neste contexto de análise? Na conclusão de um volume dedicado a investigar o que seria na contemporaneidade a ecologia política (Latour, 1999-b), o autor sintetiza, numa seqüência primorosa, algumas idéias aqui descritas na seção 2.a. Colocaremos a citação na íntegra, para que o leitor acompanhe o argumento de Latour. Ele inicia questionando o saber moderno do cientista social, proprietário exclusivo de um saber que só ele domina. Contra a proposta de domínio, a sugestão é que cada ciência social investigue os vínculos característicos de sua disciplina:

“Afirmar que sob as relações legítimas existem forças invisíveis aos atores que não poderiam ser discernidas senão pelos especialistas das ciências sociais, equivale a utilizar o mesmo mecanismo da Caverna utilizado para a metafísica da natureza: existiriam qualidades primeiras – a sociedade e suas relações de força – que formariam a disposição essencial do mundo social, e qualidades segundas, tão intensamente vividas quanto mentirosas, que cobririam com seu manto tais forças invisíveis que não poderíamos ver sem desanimar. Se é necessário rejeitar as ciências naturais quando estas fazem uso desta dicotomia, é preciso rejeitar mais vigorosamente ainda as ciências sociais quando elas a aplicam ao coletivo concebido como sociedade. Se é preciso, com as ciências naturais, compor progressivamente o mundo comum, guardemo-nos de utilizar a sociedade para explicar o comportamento dos atores. Como a natureza, e pela mesma razão, a sociedade se encontra no fim da experimentação coletiva, não no início, não toda feita, não já lá. ... As ciências sociais, economia, sociologia, antropologia, história, geografia, têm um papel muito mais útil que aquele de definir, no lugar dos atores e freqüentemente contra eles, as forças que os manipulam sem o seu conhecimento. Os atores não sabem o que eles fazem, os sociólogos *menos ainda*. O que manipula os atores é desconhecido

de todos, incluídos os pesquisadores em ciências sociais. ...: Nós ignoramos as conseqüências coletivas de nossas ações. Estamos intrincados pelas relações arriscadas cuja contextualização provisória deve ser objeto de uma constante *re*-apresentação. A última coisa que precisamos, é que componham, em nosso lugar, o mundo a vir. Mas, **para investigar sobre o que nos vincula, podemos contar com as ciências sociais** (friso nosso) oferecendo aos atores versões múltiplas e *rapidamente revisadas* que nos permitam compreender a experiência coletiva na qual estamos todos envolvidos. Todas as -logias, -grafias, -nomias tornam-se então indispensáveis se elas servem para propor constantemente ao coletivo novas versões do que ele poderia ser, guardado o traço das singularidades. Com as ciências sociais o coletivo pode enfim se retomar (*se ressaisir*, no original, *redevenir maître de soi*, 2º a Enciclopédia Hachette, tornar-se outra vez mestre de si.). Se tipos muito comuns são capazes de tornar-se sábios exatos e meticulosos graças ao equipamento de seus laboratórios, imagine-se o que cidadãos comuns poderiam se tornar se eles se beneficiassem, para pensar o coletivo, do equipamento das ciências sociais. A ecologia política marca a idade de ouro das ciências sociais enfim libertadas do modernismo". (Latour, 1999-b, p. 296/7).

Mas e a psicologia? Afinal de contas, o que tudo isso tem a ver com a psicologia? Há uma tese importante na teoria ator-rede: a idéia da fabricação, implicada no limite da noção de rede. Esta tese nos faz pensar no social não em termos de relações entre homens, mas sim em termos de processo, de ação, de produção. O que nos vincula? Como nos vinculamos, em termos psicológicos, aos não humanos? Como nos situamos na rede? O indivíduo é um nó da rede que interfere e sofre sua pressão? Qual a participação da psicologia nos coletivos em construção? São perguntas que deixamos em aberto ao leitor – ou que constituirão temas para outros artigos...

Esta talvez seja uma lição importante para a psicologia: além de seguir os vínculos entre homens, trata-se de incluir os vínculos entre humanos e não-humanos e mais do que isso trata-se de perguntar pelos efeitos que tais vínculos produzem. Aqui o termo social não designa a matéria de que é feita alguma coisa, mas os processos através dos quais são construídos os fatos, a cognição. Então uma psicologia social não é aquela que lida com o homem em sociedade, mas aquela que acompanha,

segue, o processo de fabricação do homem e dos objetos. Estranha psicologia esta, sem dúvida, já que falamos de uma psicologia que lida também com os não humanos. Os não-humanos, têm **agência**, produzem efeitos no mundo, modificam nossas ações, redefinem a nossa cognição.

Assim, despsicologizar não seria abandonar de um todo a psicologia tal qual a concebemos e sim pensá-la em suas possibilidades de aliança com os não-humanos. Renunciar a psicologia construída até então seria percorrer os caminhos da denúncia crítica. Portanto, despsicologizar aqui é pensar uma psicologia que faz-fazer uma singularidade que não pertence somente aos humanos, mas também aos não-humanos. Dessa forma, as dicotomias estariam dando lugar a um tecido inteiriço que produz efeitos, faz emergir os actantes em suas trajetórias inusitadas.

Notas

- ¹ Este artigo é resultado de uma mesa redonda realizada no Encontro nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, a ABRAPSO (Porto Alegre, 17 de outubro de 2003). Se por um lado o que nos une é o interesse pela obra desse autor, por outro é o fato de todos estarmos dedicados às discussões da psicologia contemporânea de uma forma renovada, bem distinta do quadro das epistemologias tradicionais.
- ² Para trabalhar este conceito, ver Latour 2002-a e Latour, 2000-b.
- ³ Latour (2001) se insurge contra a pretensão de verdade definitiva da Ciência moderna, com “C” maiúsculo.
- ⁴ Latour (apud Crawford, 1993) indica, pr exemplo, que a noção de rizoma é perfeita para entendermos a noção de rede.
- ⁵ Apesar de Latour descrever em vários trabalhos a especificidade do saber científico (conferir Latour, 1985, 1992, 1997 e 1998-a), este texto será abordado em especial, uma vez que condensa uma série de contribuições destes outros trabalhos em um único modelo: o do *Sistema Circulatório*.
- ⁶ Podemos encontrar referências à psicologia nos seguintes textos de Latour: 1985, p. 8; 1991, pp.5-6; 1998-a; 2002-b.
- ⁹ A observação desses atendimentos ocorreu durante o Programa de Doutorado com Estágio no Exterior (Capes) realizado por Alexandra Cleopatre Tsallis em 2002.
- ⁷ Conferir Stengers, 1989.

Referências Bibliográficas

- CANGUILHEM, G. (1973) O que é psicologia? *Tempo Brasileiro* nº 30/31. Rio de Janeiro.
- CRAWFORD, H. (1993) *An interview with B. Latour*. The John Hopkins University Press, pp. 247-268.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (1995) Introdução: Rizoma. In: _____ *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrênia*, vol. I. Rio de Janeiro, Ed. 34.
- DESPRET, V. (1999) *Ces émotions que nous fabriquent. Etnopsychologie de l'authenticité*. Paris, Synthelabo.
- GRECO, P. (1970) Epistemologia da Psicologia. In: PIAGET, J. (org.) *Lógica y conocimiento científico*. Buenos Aires, Proteo.
- LATOUR, B. (2002-a) *The promises of constructivism*. Disponível na Internet via <http://www.ensmp.fr/~latour/articles/article/087.html>. Acesso em setembro de 2003.
- LATOUR, B. (2002-b) Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches. Bauru, EDUSC.
- LATOUR, B. (2002-c) *A Dialog on ANT*. Disponível na Internet via www.ensmp.fr/~latour/articles/article/090.html. Acesso em setembro de 2003.
- LATOUR, B. (2001). *A Esperança de Pandora*. Bauru, EDUSC.
- LATOUR, B. (2000-a) *A ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo, Unesp.
- LATOUR, B. (2000-b) Factures/fractures. De la notion de réseaux à celle d'attachement. In MICOUD, A. et PERONI, M. *Ce qui nous relie*. La Tour d'Aigues, Editions de l'Aube, pp. 189-208.
- LATOUR, B. (1999-a). On Recalling ANT. In: LAW, J. & HASSARD, J. (orgs) *Actor Network theory and after*. Oxford, Blackwell Publishers.
- LATOUR, B. (1999-b) *Politiques de la nature. Comment faire entre les sciences em démocratie*. Paris, Éditions la Découverte.
- LATOUR, B. (1998-a) Os Filtros da realidade. Separação entre Mente e Matéria domina reflexões acerca do conhecimento. *Folha de São Paulo, Mais!*, p. 15, 4 de janeiro d.

- LATOUR, B. (1998-b) Universalidade em pedaços. *Folha de São Paulo, Mais!*, p. 3, 13 de setembro.
- LATOUR, B. (1997) As Variedades do científico. *Folha de São Paulo, Mais!*, p.3, 2 de novembro.
- LATOUR, B. (1994) *Jamais fomos modernos*, Rio de Janeiro, Editora 34.
- LATOUR, B. (1992) Give me a laboratory and I will rise a world. In: KNORR, K. & MULKAY, M. (eds) *Science Observed*. Londres, Sage Publications.
- LATOUR, B. (1991) The impact of Science Studies on political philosophy. *Science, Technology & Human Values*. Vol. 16, nº 1.
- LATOUR, B. (1985) Les “vues” de l’ esprit. Une introduction à l’ anthropologie des sciences et des techniques. *Culture technique*, vol. 14.
- NATHAN, T. (2001). *Nous ne sommes pas seuls au monde*. Paris, Les empêcheurs de penser en rond.
- SERRES, M. (s/d) *A comunicação*. Portugal, Rés Editora.
- STENGERS, I. (1989) *Quem tem medo da ciência?* São Paulo, Siciliano.

ARTHUR ARRUDA LEAL FERREIRA

Endereço: Avenida Pasteur 250 – Pavilhão Nílton Campos
Praia Vermelha – 22290240 – Rio de Janeiro, RJ – Brasil
Telefone: (21) 22953208 Ramal: 148 Fax: (21) 22953185
E-mail: arleal@superig.com.br

MARCIA OLIVEIRA MORAES

Endereço: Campus do Gragoatá s/nº Bloco O, sala 310
São Domingos – 24210350 – Niterói, RJ – Brasil
Telefone: (21) 26292855
E-mail: mmoraes@vm.uff.br

RONALD JACQUES ARENDT

Rua São Francisco Xavier, 524 – sala 10019/Bloco F
Maracanã – 20559900 – Rio de Janeiro, RJ – Brasil
Telefone: (21) 5877304 Fax: (21) 5877284
E-mail: mestpsi@uerj.br

recebido em 25/06/05
versão revisada recebida em 08/11/05
aprovado em 17/06/06